



**UFRPE**

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**MARIA LUIZA MOURA DE LIMA**

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E  
LETRAMENTO EM UMA TURMA DE 1º ANO: UMA VISÃO  
CONSTRUTIVISTA SOBRE ALFABETIZAR**

**RECIFE**

**2025**

**MARIA LUIZA MOURA DE LIMA**

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E  
LETRAMENTO EM UMA TURMA DE 1º ANO: UMA VISÃO  
CONSTRUTIVISTA SOBRE ALFABETIZAR**

Monografia apresentada ao Curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, UFRPE, como requisito para a conclusão da disciplina: Trabalho de conclusão de curso – TCC, ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida Tenório Salvador.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmi Ferraz Santos

**RECIFE  
2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE  
Bibliotecária Suely Manzi – CRB/4 - 809

L732p Lima, Maria Luiza Moura de  
A prática pedagógica no processo de alfabetização e letramento  
em uma turma de 1º ano: uma visão construtivista sobre alfabetizar /  
Maria Luiza Moura de Lima. – 2025.  
47f.

Orientador: Carmi Ferraz Santos.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia)  
– Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de  
Educação, Recife, BR-PE, 2025  
Inclui bibliografia, anexo(s) e apêndice(s).

1. Alfabetização 2. Prática de ensino 3. Letramento  
4. Construtivismo I. Santos, Carmi Ferraz, orient. II. Título

CDD 370

## FOLHA DE APROVAÇÃO

MARIA LUIZA MOURA DE LIMA

### A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM UMA TURMA DE 1º ANO: UMA VISÃO CONSTRUTIVISTA SOBRE ALFABETIZAR

Data Da Defesa: 14/07/2025

Horário: 16 horas

Local: Recife, PE. Sala virtual Google Meet - UFRPE

Banca Examinadora:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmi Ferraz Santos

Prof.<sup>a</sup> Orientador(a)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Catarina dos Santos Pereira Cabral

Prof.<sup>a</sup> Examinador(a) Interno(a)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristiana Vasconcelos do Amaral e Silva

Prof.<sup>a</sup> Examinador(a) Externo(a)

Resultado:  Aprovada

Reprovada

*Dedico este trabalho à minha mãe, minha maior incentivadora e razão pela qual consegui chegar até aqui.*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus por, em resposta às minhas orações, proporcionar-me esta conquista, com Ele segurando em minha mão e me guiando chegamos até aqui, sem Ele nada disso seria possível.

Agradeço também à minha família, que foi meu alicerce nessa jornada. Essa conquista não é só minha, compartilho tudo isso com vocês, por isso agradeço alegremente, mãe, sem você eu não conseguiria chegar aqui, obrigada por ser a base de tudo. Raiza, sem sua confiança e apoio, essa conquista não seria a mesma.

Aqueles que contribuíram indiretamente com acolhimento e amor, minha eterna gratidão.

Com muito amor, agradeço aquelas que não soltaram a minha mão durante esses anos na universidade, construímos algo lindo que levarei para sempre. Gratidão, Larissa, Mariana, Nathália e Sabryna, sem vocês não conseguiria chegar até aqui.

Com o coração repleto de sentimentos, expresso minha gratidão a Carmi Ferraz, minha querida orientadora, que com muita paciência me guiou a este momento.

Agradeço às minhas crianças que junto a mim construíram essa história, as trocas que tivemos me ensinaram e ensinam tanto todos os dias.

Finalizo, agradecendo a todos que passaram por minha vida nessa jornada, aquelas que me ensinaram em sala de aula e aquelas que me ensinaram na prática o amor pela educação.

*A educação como prática da liberdade é um  
jeito de ensinar que qualquer um pode  
aprender.*

*(bell hooks)*

## RESUMO

Esse trabalho trata-se de uma pesquisa que possui como tema a prática pedagógica no processo de alfabetização e letramento de uma escola que se denomina construtivista localizada na cidade do Recife. Nosso objetivo foi analisar como uma professora organiza a prática pedagógica de alfabetização e letramento a partir de uma perspectiva construtivista de aprendizagem. Utilizou-se como aporte teórico Ferreiro e Teberosky (1986); Soares (1998); Mortatti (2001); entre outros para salientar aspectos da alfabetização e letramento voltados para a perspectiva construtivista. Apresenta metodologia de caráter qualitativa e utilizou-se de observação, entrevista e análise documental para identificar as práticas pedagógicas e a organização da docente. Nesta pesquisa foi possível analisar uma prática pedagógica voltada para a alfabetização e letramento de acordo com a perspectiva construtivista. Os dados apontam no sentido de reafirmar a importância do planejamento e de elementos estruturantes da prática cotidiana, como o olhar atento às necessidades dos alunos para a escolha de recursos e atividades proveitosas e também uma rotina bem estruturada para assim proporcionar uma aprendizagem mais significativa para o aluno.

**PALAVRAS-CHAVES:** Alfabetização. Letramento. Práticas pedagógicas. Construtivismo.

## RESUMÉ

Ce travail est une recherche qui a pour thème la pratique pédagogique dans le processus d'alphabétisation et de la littératie d'une école qui se dit constructiviste située dans la ville de Recife. Notre objectif était d'analyser comment un enseignant organise la pratique pédagogique de l'alphabétisation et de l'alphabétisation dans une perspective constructiviste de l'apprentissage. Le cadre théorique utilisé était Ferreiro et Teberosky (1986) ; Soares (1998) ; Mortatti (2001) ; entre autres, pour mettre en évidence les aspects de l'alphabétisation et de la littératie axés sur la perspective constructiviste. Elle présente une méthodologie qualitative et utilise l'observation, les entretiens et l'analyse documentaire pour identifier les pratiques pédagogiques et l'organisation de l'enseignant. Dans cette recherche, il a été possible d'analyser une pratique pédagogique centrée sur l'alphabétisation et de la littératie selon la perspective constructiviste. Les données soulignent l'importance de planifier et de structurer les éléments de la pratique quotidienne, comme prêter une attention particulière aux besoins des étudiants afin de choisir des ressources et des activités utiles, ainsi qu'une routine bien structurée pour offrir un apprentissage plus significatif à l'étudiant.

**MOTS CLÉS : Alphabétisation. Littératie. Pratiques pédagogiques. Constructivisme**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1.....</b>	<b>13</b>
<b>AS PRÁTICAS DE ALFABETIZAR AO LONGO DO TEMPO: REFERÊNCIAS E REFLEXÕES.....</b>	<b>13</b>
1.1 ESTUDOS SOBRE PESQUISAS - ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	13
1.2. ENSINO-APRENDIZAGEM: AS ABORDAGENS PEDAGÓGICAS.....	17
1.3 ALFABETIZAÇÃO: DA PRÁTICA TRADICIONAL AO OLHAR CONSTRUTIVISTA..	21
1.4 PSICOGÊNESE E LETRAMENTO: CONTRIBUIÇÕES PARA A ALFABETIZAÇÃO.	23
<b>CAPÍTULO 2.....</b>	<b>26</b>
<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>26</b>
2.1 NATUREZA DA PESQUISA.....	26
2.2 UNIVERSO PESQUISADO.....	26
2.2.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DA PESQUISA.....	27
2.2.2 SUJEITO DA PESQUISA.....	27
2.2.3 RECURSOS E MEIOS.....	28
<b>CAPÍTULO 3.....</b>	<b>30</b>
<b>QUANDO A PRÁTICA FALA: OLHARES SOBRE O FAZER PEDAGÓGICO.....</b>	<b>30</b>
3.1 A IDENTIDADE PEDAGÓGICA DA INSTITUIÇÃO.....	30
3.2 A PRÁTICA PEDAGÓGICA SOB O OLHAR CONSTRUTIVISTA.....	32
3.2.1. APRENDER FAZENDO: A ROTINA EM SALA DE AULA.....	32
3.2.2. RECURSOS DE APOIO NO ENSINO DA LEITURA E ESCRITA.....	34
3.2.3. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA.....	38
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>43</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>45</b>
APÊNDICE A - ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO.....	45
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	46
<b>ANEXOS.....</b>	<b>47</b>
ANEXO A - Termo de Consentimento Livre Esclarecido.....	47

## INTRODUÇÃO

A alfabetização é um direito de suma importância na vida escolar do aluno, assegurado na lei nº 13.005/2014, do Plano nacional de educação - PNE, que estabelece na meta 5 a obrigatoriedade de “Alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º (terceiro) ano do ensino fundamental”. Destacando, ainda, o documento na estratégia 5.1

estruturar os processos pedagógicos de alfabetização, nos anos iniciais do ensino fundamental, articulando-os com as estratégias desenvolvidas na pré-escola, com qualificação e valorização dos (as) professores (as) alfabetizadores e com apoio pedagógico específico, a fim de garantir a alfabetização plena de todas as crianças

Dessa forma, faz-se necessária uma trajetória que valoriza e respeita a individualidade da criança nessa fase; para os educadores é um processo que necessita de muito estudo, empenho e aperfeiçoamento contínuo.

Nesse sentido, o presente trabalho busca compreender as práticas pedagógicas do processo de alfabetização e letramento, e como a perspectiva de aprendizagem construtivista contribui nesse processo. O trabalho busca, ainda, entender como uma professora que diz assumir uma prática alfabetizadora com um olhar construtivista em relação à aprendizagem das crianças organiza seu trabalho em sala de aula.

O tema escolhido para o trabalho surgiu a partir de uma experiência pessoal, quando comecei a trabalhar em duas turmas de 1º ano do ensino fundamental, em uma escola privada que afirma ter uma visão de aprendizagem construtivista, na cidade do Recife. Durante esse trabalho, foi-me despertado o interesse pela alfabetização e letramento, e como a perspectiva construtivista contribuiu se revelava na prática do professor. Junto a isso, no curso de Licenciatura em Pedagogia, na disciplina de alfabetização e letramento, passei a ter mais interesse pela temática, e ver o quanto é complexo o processo de ensino-aprendizagem da língua escrita.

A partir de algumas inquietações a respeito da prática pedagógica na alfabetização, levantou-se alguns questionamentos: Como a teoria construtivista de aprendizagem auxilia no processo de alfabetização? O que motiva o professor em sua prática segundo a teoria construtivista? Que recursos metodológicos o professor

utiliza na prática de alfabetizar e letrar? Quais desafios encontram na sua prática? Quais contribuições o construtivismo traz para a aprendizagem do aluno? Quais atividades são vivenciadas nessa turma?

Sendo assim, propusemo-nos a responder a seguinte questão: como se dá a organização da prática pedagógica de uma professora do 1° ano do ensino fundamental de uma escola que declara adotar uma perspectiva construtivista de aprendizagem?

Seguindo o norte da prática pedagógica de uma professora que atua no 1° ano do ensino fundamental, no que se refere ao processo de alfabetização e letramento; este trabalho busca analisar como uma professora organiza a prática pedagógica de alfabetização e letramento a partir de uma perspectiva construtivista de aprendizagem.

Dessa forma, buscaremos descrever a prática da professora; identificar os recursos que são utilizados nessa prática; verificar como se dá o processo de alfabetização na visão de aprendizagem construtivista, descrever a organização da turma e identificar as metodologias propostas pela docente. Para além da sala de aula, busca analisar os princípios que fundamentam a instituição de ensino.

Pesquisando sobre a prática pedagógica, as relações em sala de aula e ouvindo inquietações e observando o processo de ensino e de aprendizagem, o trabalho apresenta relevância ao discutir a respeito das práticas pedagógicas voltadas ao processo de alfabetização, e como a perspectiva de aprendizagem construtivista em um ambiente de alfabetizar e letrar poderá contribuir para a formação inicial e continuada de docentes.

## CAPÍTULO 1

### AS PRÁTICAS DE ALFABETIZAR AO LONGO DO TEMPO: REFERÊNCIAS E REFLEXÕES.

#### 1.1 ESTUDOS SOBRE PESQUISAS - ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.

Essa sessão tem como objetivo apresentar o mapeamento de produções acadêmicas já realizadas sobre o tema em questão. Para isso, foram realizadas buscas nas seguintes plataformas: ANPEd - Associação Nacional de pós-graduação e pesquisa em educação, o Repositório Institucional da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE e Scientific Electronic Library Online - SciELO Brasil, com o intuito de localizar trabalhos atualizados e relevantes no campo educacional. As palavras-chave inicialmente utilizadas foram prática pedagógica e construtivismo.

Na plataforma ANPED não foi encontrado nenhum trabalho referente às palavras-chave.

No site da SciELO foi encontrado apenas um trabalho relacionado às palavras-chave, o trabalho intitulado AS NOVAS TECNOLOGIAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA SOB A PERSPECTIVA CONSTRUTIVISTA de Flávia Rezende. Esse trabalho busca refletir sobre a utilização das novas tecnologias da informação e da comunicação no processo educativo sob a perspectiva construtivista. O trabalho traz como base teórica Vygotsky (1984) no que se refere à aprendizagem através da interação social, e Carraher (1992), referindo-se à informática. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, contando com a análise de textos acerca do tema. Em sua conclusão, a autora destaca *“Este trabalho defende o uso da tecnologia na educação quando guiado pelas necessidades de alunos e professores e, principalmente, quando calcado em abordagens teóricas sobre a natureza do conhecimento e do processo de ensino-aprendizagem”*.

No repositório institucional da Universidade Federal Rural de Pernambuco UFRPE, ainda utilizando os filtros de prática pedagógica e construtivismo novamente apenas um trabalho foi encontrado. O trabalho de Lilian da Silva, que tem por título CONCEPÇÕES CONSTRUTIVISTAS E SUAS INFLUÊNCIAS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO

FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE CAMARAGIBE - PE. Possui o objetivo de analisar as práticas de ensino à luz das contribuições do construtivismo para o planejamento e desenvolvimento, de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental. Em sua fundamentação teórica aborda autores como Piaget (1896-1980) no que se refere à construção do conhecimento; e Freire (1996) no que diz respeito às práticas pedagógicas. O trabalho possui uma metodologia de natureza qualitativa e utilizou como instrumentos a observação, entrevista semiestruturada e análise. A autora conclui que as práticas pedagógicas observadas evidenciam uma forte influência da abordagem construtivista com ênfase na valorização das hipóteses de escrita.

Com poucos resultados nas buscas anteriores, foram realizadas novas pesquisas utilizando agora as palavras-chave alfabetização e letramento com o objetivo de localizar produções que, ainda que não mencionassem diretamente o construtivismo, abordassem práticas pedagógicas de alfabetização. Essa nova busca permitiu identificar um número maior de estudos relevantes, totalizando assim o encontro de 60 trabalhos, sendo 10 na ANPEd - Associação Nacional de pós-graduação e pesquisa em educação, 10 no Repositório da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE e 40 na Scientific Electronic Library Online - SciELO Brasil. Por se tratar de um número muito abrangente de trabalhos na plataforma SciELO, foram utilizados os filtros Brasil, Português, Ciências Humanas, educação e educação e pesquisa para aproximar a pesquisa do tema aqui tratado, sendo assim localizados 7 trabalhos.

Na plataforma ANPEd foram encontrados 10 (dez) trabalhos, mas apenas quatro foram analisados por sua proximidade com a temática desta pesquisa.

O trabalho PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: O FAZER PEDAGÓGICO DE UMA ALFABETIZADORA BEM SUCEDIDA ,de Ivânia Pereira Midon de Souza e Cancionila Janzkovski Cardoso, está disponível apenas um resumo da pesquisa que apresenta como objetivo analisar a prática de uma alfabetizadora considerada bem sucedida, atuante em uma escola municipal de Várzea Grande - MT. É um trabalho de viés qualitativo-quantitativo, no qual se utilizou de entrevistas e observações do campo. Como resultados, as autoras apontam que *“as expectativas positivas em relação à aprendizagem dos alunos, a alfabetização com textos, a capacidade de trabalho com diferentes níveis psicogenéticos, o bom uso do tempo em sala de aula, o compromisso com a aprendizagem dos alunos e a busca constante*

*pele conhecimento, constituem-se em grandes pilares para a compreensão das práticas bem sucedidas de alfabetização e letramento.”*

No texto (CON)FUSÕES ENTRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NUMA ESCOLA PÚBLICA E NUMA ESCOLA PARTICULAR. Karina Fideles Filgueiras, traz como foco as dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização. Em sua fundamentação teórica discute acerca da alfabetização e do letramento a partir de Soares (2002). Trata-se de um trabalho de caráter qualitativo, tendo como campo pesquisado duas escolas, sendo uma da rede pública e outra da rede privada. Ao fim a autora destaca *“Os encaminhamentos, em ambas escolas, se deram de forma semelhante: na escola pública, a criação de uma sala de recuperação; na escola particular, o surgimento de oficinas de leitura e escrita; ou seja, os alunos com dificuldades de aprendizagem na alfabetização foram separados de suas turmas de origem.”*

O trabalho AMPLIAÇÃO DA ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA: ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO COM CRIANÇAS DE SEIS ANOS NO ENSINO FUNDAMENTAL, de Ana Caroline de Almeida, busca analisar práticas e discursos de alfabetização com crianças de 6 anos, no primeiro ano do ensino fundamental. Em sua base teórica, apresenta o conceito de letramento a partir de Street (1984). Sua metodologia apresenta caráter etnográfico, sendo realizada em uma turma de primeiro ano do ensino fundamental. Em sua conclusão, a autora observa a predominância de práticas voltadas à aquisição do código escrito com ênfase em métodos sintéticos.

No trabalho ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CONTEXTO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS, de Ana Paula do Amaral Tibúrcio, investiga-se como ocorrem as práticas de alfabetização e letramento com crianças de 6 anos do primeiro ano do ensino fundamental no contexto da Ampliação para 9 anos de escolaridade. O estudo busca compreender a rotina escolar, as atividades de leitura escrita e o contexto em que são desenvolvidas. Sua base teórica possui como referências Soares (2004), Ferreiro (2003) e Mortatti (2006, 2008, 2010), discutindo sobre alfabetização e psicogênese da língua escrita. Apresenta metodologia de caráter qualitativo, apresentando uma abordagem etnográfica, utilizando como instrumentos de pesquisa a entrevista e a observação. Por fim, a autora fala da ampliação do ensino fundamental de nove anos e os desafios encontrados para a alfabetização das crianças.

Na plataforma Scielo, após o filtro, sete trabalhos permaneceram, por se tratar de uma breve análise de trabalhos acadêmicos analisaremos apenas um dentre os sete trabalhos.

O trabalho PRÁTICAS ALFABETIZADORAS PARA ALÉM DA POLARIZAÇÃO DOS MÉTODOS: REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS, de Daiane Di Giorgio da Silva, investiga se há benefícios no uso de diferentes abordagens metodológicas no processo de alfabetização a partir da prática pedagógica de uma professora do primeiro ano do ensino fundamental. Por se tratar de um texto apresentado em homenagem à Magda Soares, a sua fundamentação teórica aborda a concepção de letramento como prática social com base nos escritos de Soares (2016, 2020). O estudo apresenta como metodologia o estudo de caso realizado em uma turma de primeiro ano do ensino fundamental. Como conclusão, o estudo apresenta que a utilização de diferentes metodologias traz ganhos para os processos de alfabetização.

No Repositório Institucional Da Universidade Federal Rural De Pernambuco UFRPE, dos 10 trabalhos encontrados apenas dois possuem temática semelhante a esta pesquisa, os demais trabalhos apresentam contribuições para outras áreas de ensino como, letramento matemático, EJA, educação rural, educação de surdos entre outros contextos. Diante disso, apenas dois trabalhos serão apresentados de forma breve aqui.

O trabalho CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: PRÁTICAS DE UMA DOCENTE DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, de Micheline Cordeiro Sobral da Silva e Leila Nascimento da Silva, possui como objetivo discutir as relações entre a consciência fonológica e alfabetização, através de um estudo sobre as práticas de uma docente do 1º ano do ensino fundamental. Traz em suas referências Artur Morais (2012) no que se refere ao estudo da consciência fonológica, e outros nomes como Ferreiro e Teberosky (1979). Em sua metodologia foi utilizado o método indutivo e realizado um estudo de caso que teve como resultado que *“nas atividades desenvolvidas, a exploração das habilidades de consciência fonológica por meio de propostas que envolviam: cantigas, poemas, jogo da força e atividades impressas”*. Mas, destacam que *“tais atividades e jogos que ajudam a refletir as sub habilidades da Consciência Fonológica precisam ser diversas para abarcar as diferentes habilidades.”*

A pesquisa *A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO*, de Helena Carolynne Minervino de Souza, reflete sobre a importância da alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental, e fundamenta-se nos escritos de Soares (1998), Albuquerque (2007) e Freire (1998) no que se refere a discussão sobre alfabetização e letramento, leitura do mundo e formação de leitores e escritores. Trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica que defende que uma educação de qualidade deve promover o desenvolvimento intelectual do cidadão desde os anos iniciais.

## 1.2. ENSINO-APRENDIZAGEM: AS ABORDAGENS PEDAGÓGICAS

Esta seção visa apresentar as principais compreensões dos paradigmas tradicional e construtivista, buscando entender a trajetória dessas perspectivas e suas influências na organização didático-pedagógica nas escolas.

A elaboração dos pressupostos do paradigma tradicional se confunde com as raízes da própria escola como a conhecemos hoje (Leão, 1999). A organização dos sistemas de ensino ganha força dentro da lógica da revolução industrial na qual as escolas serviam para preparar a criança para o mercado de trabalho, tendo como foco apenas a cópia, repetição e os resultados, deixando de lado o pensamento crítico e as experiências do aluno. Nesse sentido, Gadotti (1995) afirma que a pedagogia passou a oferecer “instruções” mínimas para a formação de um cidadão disciplinado. Dessa forma, construindo um cidadão apenas para o mercado de trabalho, alienado em um paradoxo de obediência e repetições.

Como destaca Gadotti (1995, p.90)

O iluminismo educacional representou o fundamento da pedagogia burguesa, que até hoje insiste, predominantemente na transmissão de conteúdos e na formação social individualista. A burguesia percebeu a necessidade de oferecer instrução, mínima, para a massa trabalhadora. Por isso, a educação se dirigiu para a formação do cidadão disciplinado. O surgimento dos sistemas nacionais de educação, no século XIX, é o resultado e a expressão que a burguesia, como classe ascendente, emprestou à educação.

Em sala de aula o paradigma tradicional é expressado por meio de aulas expositivas nas quais o professor está no centro do processo de ensino como detentor de todo o conhecimento e os alunos estão ali como ouvintes, que apenas escutam e repetem o conteúdo. No meio tradicional se entende como aprendizagem a reprodução daquilo que foi passado. Com respeito a isso, Mizukami (1986, p. 15) nos

informa que nesta abordagem

O professor já traz o conteúdo pronto e o aluno se limita, passivamente, a escutá-lo. O ponto fundamental desse processo será o produto da aprendizagem. A reprodução dos conteúdos feita pelo aluno, de forma automática e sem variações, na maioria das vezes, é considerada como um poderoso e suficiente indicador de que houve aprendizagem e de que, portanto, o produto está assegurado.

No entanto, o paradigma construtivista ganhou notoriedade na educação durante o século XX. Segundo Becker (1993, p. 88) o construtivismo significa:

(...) a ideia de que nada, a rigor, está pronto, acabado, e de que, especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado. Ele se constitui pela interação do indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais; e se constitui por força de sua ação e não por qualquer dotação prévia, na bagagem hereditária ou no meio, de tal modo que podemos afirmar que antes da ação não há psiquismo nem consciência e, muito menos, pensamento.

A partir dos escritos de Piaget acerca da aquisição do conhecimento, o construtivismo foi ganhando forma. Em seus estudos, Piaget aponta conceitos como o de assimilação que se refere à incorporação de novas informações a esquemas já existentes, ou seja, novas aprendizagem; e de acomodação referente à modificação dos esquemas para se ajustar a novas informações, sendo assim, adequar-se ao conhecimento aprendido. Como afirmou Piaget (1999, p. 17), "Pode-se dizer que toda necessidade tende: 1º. a incorporar as coisas e pessoas à atividade própria do sujeito, isto é, "assinalar" o mundo exterior às estruturas já construídas, e 2º. a reajustar estas últimas em função das transformações ocorridas, ou seja, "acomodá-las" aos objetos externos". Ou seja, o ato de conhecer envolve interagir com o objeto de forma ativa, modificá-lo com base na experiência compreender os passos e processos que levam a esta mudança. Destacando ainda o processo de construção do conhecimento, pois, segundo o mesmo (1999), o conhecimento é construído ativamente pelo sujeito, e não uma simples reprodução da realidade.

Ainda em sua base teórica, o construtivismo possui contribuições de Vygotsky. Para esse autor, "Toda a função aparece duas vezes, em dois níveis, ao longo do desenvolvimento cultural da criança; primeiramente entre pessoas, como categoria interpsicológica e depois dentro da criança, como categoria intrapsicológica". (1991, p. 84), trazendo assim a construção do conhecimento como influência do meio e dos indivíduos ali presentes. Dessa forma, também, corroborando com o pensamento piagetiano de que o conhecimento é uma construção e, para além disso, destacando

que o conhecimento se constrói primeiro na interação social, sendo depois internalizado pelo indivíduo.

Para Wallon, (2010, p.36.) "Afetividade e cognição estarão, dialeticamente, sempre em movimento, alternando-se nas diferentes aprendizagens que o indivíduo incorporará ao longo de sua vida". Sendo assim, os sentimentos também estão incluídos durante todas as etapas da vida da criança, e esses sentimentos afetam o processo de aprendizagem, sendo importante considerá-los no desempenho dos indivíduos. Os sentimentos não são apenas acompanhantes do processo cognitivo, mas condicionam e direcionam a relação da criança com a aprendizagem e com o meio no qual está inserida.

Todos esses autores apontam a criança como sujeito principal no processo de aprendizagem. Como disse Leão (1999, p. 203), "um dos pontos principais da visão construtivista de ensino é que a aprendizagem é uma construção da própria criança, em que ela é o centro no processo, e não o professor." Dessa forma, vemos que o papel do professor na teoria construtivista não é o do centro do processo de aprendizagem, como detentor de todo o conhecimento, e sim o de mediador, aquele que conduz o aluno ao conhecimento, não aquele que fornece conhecimento.

Diferente do paradigma tradicional, o construtivismo não possui técnicas ou métodos para replicar, o professor está ali como mediador do conhecimento e oferece aos alunos situações e recursos que o ajudarão nesse processo de aprendizagem, e para cada aluno há uma situação diferente, uma proposta que nesse processo de acomodação seja mais significativa, já que nem todos saíram do mesmo ponto e estão na mesma hipótese em relação ao conhecimento. Como afirma Pimentel (1991. p.30),

O construtivismo é incompatível sim com um método fechado, do tipo dos que são tradicionalmente usados na aprendizagem da leitura e da escrita, porque este tipo de instrumento didático veicula uma generalização de conhecimento que todos sabemos não ser verdadeira: as crianças na alfabetização não se encontram todas no mesmo ponto de partida e nem aprendem, ao mesmo tempo, a ler e escrever.

Dessa forma, evidenciando a pluralidade de saberes e a importância do olhar atento do professor para uma mediação que corrobora com os conhecimentos já acomodados pelas crianças.

Outro ponto importante a ser destacado no paradigma construtivista é a percepção dos erros, no construtivismo, os erros são acolhidos e vistos como parte do processo de desenvolvimento para a aprendizagem. No errar estão as potencialidades dos alunos, assim como afirmam Ferreiro e Teberosky (1999, p. 33) quando afirmam

que o erro construtivo é essencial.

O caminho em direção a este é conhecimento objetivo não é linear: Não nos aproximamos dele passo a passo, Juntando peças de conhecimento uma sobre as outras, mas sim através de grandes reestruturações globais algumas das quais são "errôneas" (no que se refere ao ponto final); porém, "construtivas" (na medida em que permitem ceder a ele). Esta noção de erros construtivos é essencial.

Diferente do viés tradicional que não dá essa abertura para o aluno errar, o erro é visto como um obstáculo que precisa ser rapidamente corrigido para garantir que a criança aprenda as formas "corretas". Também é possível enxergar o erro no modelo tradicional, como falhas em cumprir normas rígidas e bem definidas, dessa forma, impondo punições aos alunos para corrigi-los.

Em retomada a perspectiva histórica, Luckesi (2002), traz que a educação transcorreu em diversos cenários, no modelo Liberal a pedagogia perpassa por três instâncias conservadoras, sendo elas a pedagogia tradicional, a escolanovista e a tecnicista, todas centradas na transmissão de conteúdos. Em seus escritos, Luckesi (2002, p.30) afirma que: "O modelo social conservador e suas pedagogias respectivas permitem e procedem renovações internas ao sistema, mas não propõem e nem permitem propostas para sua superação, o que, de certa forma, seria um contra-senso." Dessa forma, destacando que as pedagogias conservadoras, embora realizem certas inovações internas ao sistema educacional, não propõem mudanças estruturais que levem à superação do modelo social vigente. Essas práticas mantêm a lógica dominante e, por isso, não questionam nem rompem com as desigualdades e hierarquias existentes. Esperar que um modelo voltado à conservação das estruturas promova sua própria transformação profunda seria, portanto, um contrassenso. Assim, essas pedagogias atuam mais como mecanismos de manutenção do sistema social do que como ferramentas de emancipação social.

Diante desse Panorama, o construtivismo surge como uma alternativa pedagógica viável e necessária para a superação do modelo conservador. Diferente das práticas centradas na mera transmissão de conteúdo, a abordagem construtivista compreende o aluno como sujeito ativo na construção do conhecimento respeitando o seu tempo, suas experiências e sua forma singular de aprender. Portanto, a prática pedagógica construtivista por sua natureza dialógica, investigativa e respeitosa a diversidade representa uma possibilidade concreta de educação transformadora que rompe com a reafirmação do *status quo* promovida pela pedagogia tradicional, e caminha em direção a uma educação mais inclusiva, crítica e comprometida com a

emancipação dos alunos.

Portanto, assim como afirma Macedo (1994, p. 48),

O propósito da escola é retirá-la de seu estado atual e conduzi-la, tão sistematicamente quanto possível, para um estado diferente. Se a criança é analfabeta, a escola cuida de torná-la alfabetizada. Se a criança não sabe fazer contas, a escola cuida de ensinar-lhe regras de cálculo. Em uma palavra, a escola, qualquer que seja seu método, está interessada no aprendizado da criança como um resultado de sua ação sobre ela.

Sendo assim, destacando o papel da escola não apenas na construção de saberes, mas também atuando como agente de transformação do sujeito conduzindo-o a novos patamares de conhecimentos e participação social.

### 1.3 ALFABETIZAÇÃO: DA PRÁTICA TRADICIONAL AO OLHAR CONSTRUTIVISTA.

A alfabetização, enquanto processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita, tem sido abordada de diversas maneiras ao longo dos anos. Entre as principais abordagens, destacam-se as concepções de alfabetização tradicional e construtivista, que possuem princípios e práticas divergentes, mas que se intercalam no contexto educacional.

A concepção tradicional de alfabetização, que tem suas raízes no modelo instrução-repetição, privilegia a transmissão de conhecimentos de forma direta e sequencial. Por outro lado, a concepção construtivista, enfatiza o papel ativo da criança no processo de construção do conhecimento, promovendo a aprendizagem como um processo autônomo mediado pelo professor, e também como um processo significativo, no qual a criança sente-se segura para errar e expressar-se.

A concepção de alfabetização tradicional enfatiza o ensino mecânico das letras, sons e palavras, com foco na memorização e na repetição. Em sua essência, a alfabetização tradicional é uma abordagem rígida, que valoriza o aprendizado de regras e estruturas de forma sistemática. As crianças, ao longo desse processo, são expostas a uma sequência de atividades que buscam ensiná-las a ler e escrever a partir da aprendizagem das letras do alfabeto, dos sons correspondentes a essas letras (fonemas) e, posteriormente, das combinações dessas unidades fonológicas. Esse processo, embora tenha gerado muitos resultados em termos de domínio técnico da leitura e da escrita, por vezes é criticado por não considerar as características individuais das crianças, tampouco o desenvolvimento de uma aprendizagem mais significativa.

O processo de alfabetização tradicional ficou marcado pelos seus métodos de alfabetização, que, por muitos anos, foi predominante nas escolas brasileiras e em diversos outros contextos educacionais, buscando uma alfabetização sistemática e metódica. Durante a história da educação no Brasil foram surgindo diversos métodos para alfabetizar de forma sistemática. A partir dos escritos de Mortatti (2001, p.05) é possível compreender a trajetória dos métodos de alfabetização no Brasil, divididos em 3 momentos, no primeiro momento marcado pelo método sintético a autora traz,

Até o final do Império brasileiro, o ensino carecia de organização, e as poucas escolas existentes eram, na verdade, salas adaptadas, que abrigavam alunos de todas as “séries” e funcionavam em prédios pouco apropriados para esse fim; eram as “aulas régias” [...] Para o ensino da leitura, utilizavam-se, nessa época, métodos de marcha sintética (da “parte” para o “todo”): da soletração (alfabético), partindo do nome das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes às letras); e da silabação (emissão de sons), partindo das sílabas.

Ainda segundo Mortatti (2001, p.07), no início dos anos 1890 iniciou-se o segundo momento com o surgimento do método analítico.

De acordo com esse método analítico, o ensino da leitura deveria ser iniciado pelo “todo”, para depois se proceder à análise de suas partes constitutivas. No entanto, diferentes se foram tornando os modos de processuação do método, dependendo do que seus defensores consideravam o “todo”: a palavra, ou a sentença, ou a “historieta”.

Com a insatisfação dos professores inicia-se o terceiro momento, que foi chamado de sob medida, onde os professores utilizavam o método que mais lhe agradava e/ou utilizavam estrategicamente de ambos os métodos sintéticos e analíticos. “Desse ponto de vista, a importância do método de alfabetização passou a ser relativizada, secundarizada e considerada tradicional” (Mortatti, 2001, p.09).

Todos os métodos anteriormente apresentados têm como objetivo a alfabetização de maneira sistemática, na qual o aluno não ocupa uma posição central no processo de aprendizagem, sendo visto apenas como um receptáculo do conhecimento.

Dessa forma, como a necessidade de mudanças, em meados de 1980 chega ao Brasil o paradigma construtivista questionando os métodos, começando o quarto momento que para Mortatti (2001, p.10)

“o construtivismo se apresenta, não como um método novo, mas como uma “revolução conceitual”, demandando, dentre outros aspectos, abandonarem-se as teorias e práticas tradicionais, desmetodizar-se o processo de alfabetização e se questionar a necessidade das cartilhas”.

A partir desse ponto, o paradigma construtivista trouxe como contribuição para a alfabetização as interações sociais e o uso social da leitura e escrita. No construtivismo, ao invés de seguir uma sequência rígida de ensino das letras e fonemas, como no paradigma tradicional, o foco está em compreender a função social da escrita e da leitura. A alfabetização torna-se um processo de descoberta, no qual as crianças, com a mediação do professor, vão construindo suas habilidades de leitura e escrita a partir de atividades que envolvem situações reais e significativas para elas.

A alfabetização na perspectiva construtivista representa uma ruptura com os métodos tradicionais, oferecendo uma abordagem mais centrada no aluno e em seu desenvolvimento integral. Ao valorizar a interação, a construção ativa do conhecimento e o contexto social da aprendizagem, essa abordagem propõe um ensino da leitura e da escrita mais significativo, que respeita as individualidades de cada criança e favorece a aprendizagem de forma mais autônoma e contextualizada, buscando não apenas o domínio técnico da língua, mas também a capacidade da criança de utilizá-la de maneira reflexiva e criativa em diversos contextos sociais.

Por fim, ambas as abordagens agregaram e ainda hoje agregam o processo de alfabetização e letramento, e só é possível dar continuidade a essa vivência significativa conhecendo o passado e o presente para construir um futuro centrado em práticas pedagógicas de valorização do aluno, como retrata Mortatti (2001, p. 15)

É preciso conhecer aquilo que constitui e já constituiu os modos de pensar, sentir, querer e agir de gerações de professores alfabetizadores (mas não apenas), especialmente para compreendermos o que desse passado insiste em permanecer. Pois é justamente nas permanências, especialmente as silenciadas ou silenciosas, mas operantes, e nos retornos ruidosos e salvacionistas, mas simplistas e apenas travestidos de novo, que se encontram as maiores resistências.

Portanto, para uma boa prática é preciso compreender as dificuldades e resistências no campo da alfabetização, é preciso olhar para o passado e entender como as práticas pedagógicas históricas ainda influenciam o presente. Muitas vezes, essas influências são silenciosas ou disfarçadas de "novas soluções", mas, na realidade, representam apenas uma continuidade de formas de pensar e agir que precisam ser repensadas, para assim, garantir um ensino significativo ao aluno.

#### 1.4 PSICOGÊNESE E LETRAMENTO: CONTRIBUIÇÕES PARA A ALFABETIZAÇÃO.

Em meados da década de 1980, na esteira das discussões a respeito da alfabetização construtivista, desembarca no Brasil os estudos sobre a psicogênese

da língua escrita, desenvolvida por Ferreiro e Teberosky (1986), o que ampliou a discussão sobre o tema, abrindo espaço para uma nova forma de alfabetizar e questionando métodos utilizados até então.

Juntamente ao questionamento em relação a como a alfabetização vinha sendo vivenciada, inicia-se a discussão sobre o ensino da escrita a partir da noção de letramento. Soares (1998) apresenta o termo letramento como tradução da palavra *literacy*, traduzindo-a como “a condição de ser letrado”. Em português letramento é definido como o resultado da ação de “letrar-se”, dando ao verbo “Letrar-se” o sentido de “tornar-se letrado”, ou seja, sendo o letramento a compreensão social da leitura e escrita. Soares (1998, p. 39) afirma:

[...], ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever: aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é tornar a escrita “própria”, ou seja, é assumi-la como sua “propriedade”.

Dessa forma, é possível compreender que os processos de alfabetização e letramento são indissociáveis, Soares (1998, p. 31) aponta também que, “Alfabetizar é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever” [...] “Alfabetização é a ação de alfabetizar”. A referida traz também em seus escritos a perspectiva de alfalettrar (alfabetizar letrando)

[...], como duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado (Soares, 1998, p. 47).

O Brasil, marcado pelo uso dos métodos de alfabetização e uso das cartilhas, passa a pensar numa perspectiva do alfabetizar letrando, partindo do pressuposto de que o sentido faz parte da leitura, do processo e do resultado da alfabetização, Leal (2005, p. 16) traz que,

Sem perder de vista o sentido do que é ler e escrever e o fato de que os textos que circularão no espaço escolar podem e devem ter vinculação com as práticas sociais de leitura e escrita. Textos reais para alunos reais que necessitam conhecer e se apropriar desses instrumentos produzidos por nossa sociedade para conhecer e dar sentido ao mundo.

Com o enriquecimento teórico que se teve ao longo desse tempo, a abordagem construtivista ganhou visibilidade, trazendo uma nova perspectiva do ensino, destacando na alfabetização os níveis de hipóteses alfabéticas propostos por Ferreiro e Teberosky (1986), que auxiliam os professores a identificar em qual

hipótese seu aluno, e com mediação fazê-lo avançar para o próximo nível, até estar alfabetizado.

Em consonância com Ferreiro e Teberosky (1986), quando afirmam que as crianças já chegam à escola ou em classes alfabetizadoras com hipóteses sobre a escrita formadas, devemos levar tais hipóteses em consideração na construção dos saberes e considerar que a prática pedagógica do professor será de total importância na mediação desse processo para que as crianças avancem em suas hipóteses.

Além das hipóteses propostas por Ferreiro e Teberosky (1986), outro ponto importante para o processo de alfabetização e letramento são as relações sociais. Nesse sentido, Rego (1995, p.74) diz que

O aprendizado é o responsável por criar a zona de desenvolvimento proximal, na medida em que, em interação com outras pessoas, a criança é capaz de colocar em movimento vários processos de desenvolvimento que, sem ajuda externa, seriam impossíveis de ocorrer. Esses processos se internalizam e passam a fazer parte das aquisições do seu desenvolvimento individual”.

Dessa forma, permite aos alunos a construção de uma compreensão crítica sobre o papel da escrita na sociedade. A criança, ao perceber a escrita como uma prática social com significados próprios, aprende a utilizá-la em situações de comunicação que envolvem seu cotidiano, como ler placas, menus, livros, ou escrever bilhetes, cartas e anotações. A capacidade de realizar essas práticas depende da compreensão do contexto social e das funções que a escrita exerce nas diversas esferas de interação social.

## CAPÍTULO 2

### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 2.1 NATUREZA DA PESQUISA.

A Natureza da pesquisa a ser desenvolvida é qualitativa, pois, é uma pesquisa com interesse subjetivo não podendo somente abranger dados numéricos e de questionários, mas sim apresentando descrições, compreensões e interpretação acerca de práticas docentes, assim como descreve Chizzotti (2000, p.79):

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

Dessa forma é importante destacar a subjetividade e um olhar mais crítico para o objeto, conforme os conceitos defendidos por autores como Minayo (2014), que enfatiza que a pesquisa qualitativa visa entender fenômenos em sua totalidade, sem a intenção de generalização, mas buscando interpretações e explicações mais aprofundadas sobre os contextos estudados. Essa abordagem permite a análise de aspectos subjetivos e contextuais, fundamentais para o entendimento da realidade investigada na pesquisa.

#### 2.2 UNIVERSO PESQUISADO.

Compreendendo o universo escolar de uma instituição privada na cidade do Recife que apresenta em seus documentos a visão de aprendizagem construtivista. O trabalho apresenta em sua metodologia a análise documental, buscando compreender os valores, princípios e autores que fundamentam essa instituição de ensino justificando a abordagem que guia a escola. Como diz, Moraes, 1994 apud Engers, 1994, p. 103

[...] a análise de conteúdo constitui-se de um conjunto de técnicas e

instrumentos empregados na fase de análise e interpretação de dados de uma pesquisa, aplicando-se, de modo especial, ao exame de documentos escritos, discursos, dados de comunicação e semelhantes, com a finalidade de uma leitura crítica e aprofundada levando à descrição e interpretação destes materiais, assim como a inferências sobre suas condições de produção e recepção.

Dessa forma, contribuindo para melhor compreensão do ambiente escolar, a pesquisa contempla turma(s) de 1º ano(s) do ensino fundamental, nas quais se destaca o processo de alfabetização, com o intuito de observar o processo de alfabetização e letramento, e como a prática docente construtivista é significativa.

### 2.2.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DA PESQUISA.

O campo que constitui essa pesquisa trata-se de uma escola privada, que se denomina construtivista, localizada na região metropolitana do Recife, mais precisamente na zona oeste da cidade, em um bairro com padrão socioeconômico elevado, sendo habitado em sua maioria por famílias de classe média alta. A escola atende desde a educação infantil ao ensino médio, com estrutura adequada para cada ano da educação básica.

### 2.2.2 SUJEITO DA PESQUISA.

O sujeito aqui pesquisado trata-se apenas da professora, a escolha por focar apenas na perspectiva da mesma justifica-se pelos objetivos aqui tratados, uma vez que o trabalho objetiva compreender como uma professora organiza a prática pedagógica de alfabetização e letramento a partir de uma perspectiva construtivista de aprendizagem.

Dessa forma, a pesquisa foi realizada com uma docente, de uma turma de 1º ano do ensino fundamental, que é formada em Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade Federal de Pernambuco, e Mestre em Educação na área de Educação e Linguagem pela mesma instituição. A docente aqui tratada como “A professora” atua há cerca de 8 anos na instituição pesquisada. Durante esse período de exercício na escola, estava debruçada sob o processo de alfabetização e letramento como professora de turma, e também teve a oportunidade de ser acompanhante pedagógica de crianças com necessidades específicas de aprendizagem.

### 2.2.3 RECURSOS E MEIOS.

A metodologia adotada nesta pesquisa envolveu a utilização de três principais instrumentos de coleta de dados: a observação, a entrevista e a análise documental. A observação foi realizada de forma sistemática, tendo como objetivo acompanhar e registrar a prática pedagógica desenvolvida pela docente no cotidiano da sala de aula. Buscou-se compreender como as estratégias de ensino são efetivamente aplicadas, como ocorre a interação com os estudantes e de que maneira os princípios da proposta construtivista se manifestam nas ações didáticas.

A observação permitiu captar aspectos práticos e contextuais que contribuem para a análise da coerência entre o discurso e a prática pedagógica. Ademais, fizemos uso, a partir de um roteiro de observação, do diário de campo para o registro da prática pedagógica em sua dinâmica cotidiana. As observações foram realizadas entre outubro e novembro de 2024, contando com 7 dias de observação, totalizando 12 aulas de língua portuguesa distribuídas durante todos os dias da semana.

Já a entrevista, de natureza semiestruturada, foi aplicada à docente responsável pela turma, visando aprofundar a compreensão sobre suas concepções, estratégias e decisões pedagógicas. Utilizamos a gravação de áudio, e a entrevista foi guiada por um roteiro, cujas perguntas buscavam levantar informações sobre as concepções pedagógicas da docente, as estratégias metodológicas por ela utilizadas e os sentidos atribuídos à sua prática no cotidiano escolar. Por meio dessa técnica, buscou-se acessar informações que não seriam plenamente observáveis, como intenções pedagógicas, percepções sobre o processo de ensino-aprendizagem e os desafios enfrentados no exercício da docência. A entrevista foi realizada em abril de 2025, com o intuito de acessar informações que não foram alcançadas durante o período de observação

Além da observação e da entrevista, esta pesquisa utilizou a análise documental como instrumento de coleta de dados, com o objetivo de examinar registros institucionais que possibilitaram compreender o contexto da prática pedagógica investigada.

O documento analisado, “Princípios gerais que fundamentam a instituição”, que apresenta informações acerca do repertório teórico e valores que guiam a escola. Como se trata de uma escola denominada construtivista, é de suma importância

analisar esse documento e verificar se sua prática condiz com seus escritos.

A pesquisa segue os princípios éticos estabelecidos para estudos acadêmicos, especialmente no que diz respeito ao uso de documentos e à observação de sujeitos em ambientes naturais. Para a utilização de documentos, foi verificado o consentimento para seu uso, garantindo a confidencialidade das fontes, quando necessário. No caso da observação e entrevista, foi redigido o uso do termo de livre consentimento assegurando o consentimento e a confidencialidade das informações aqui apresentadas.

## CAPÍTULO 3

### QUANDO A PRÁTICA FALA: OLHARES SOBRE O FAZER PEDAGÓGICO.

A seguir, será apresentada análise dos dados coletados. Para tanto, optou-se por uma abordagem crítica fundamentada nos objetivos propostos por esse trabalho. Essa análise busca não apenas descrever os dados, mas interpretá-los à luz das questões centrais da pesquisa.

As categorias aqui apresentadas foram definidas como base na relevância desses elementos para compreender a prática pedagógica adotada e organização do trabalho docente. Essas categorias permitem analisar de forma sistemática como se desenvolve o trabalho docente a partir da perspectiva construtivista no processo de alfabetização e letramento.

#### 3.1 A IDENTIDADE PEDAGÓGICA DA INSTITUIÇÃO.

A referida escola é muito conhecida no ramo educacional por sua denominação construtivista.

A perspectiva construtivista de aprendizagem entende que o conhecimento é construído ativamente pelo sujeito em interação com um meio, valorizando a experiência, a troca social e o papel ativo do aluno no processo de aprendizagem, tendo o professor como mediador e facilitador desse processo.

No documento “Princípios gerais que fundamentam a instituição”, são apresentados cinco princípios que regem a escola. Os princípios filosóficos destacam a valorização do ser humano como único e singular, defendendo a inclusão escolar como um direito e o respeito ao pluralismo de ideias e práticas pedagógicas enfatizando a importância da valorização dos profissionais da educação e da articulação entre escola e vida cotidiana. Reconhecendo o valor das experiências escolares e extraescolares, promovendo a formação cidadã com base em valores como justiça, diálogo, solidariedade, autonomia e respeito. Além disso, ressalta a necessidade de desenvolver consciência ecológica e preparar os indivíduos para os desafios éticos e sociais do mundo contemporâneo.

Nos Princípios psicológicos salientam a importância da relação entre afetividade e cognição nas interações entre educandos, educador e conhecimento. A construção

do saber deve ocorrer por meio da ação ativa do indivíduo sobre os elementos culturais e experiências vividas. Enfatiza que a aprendizagem deve acontecer em contextos de interação com pares, professores e objetos de conhecimento, tanto na escola quanto fora dela. A vivência afetiva é vista como essencial na formação da personalidade e no sucesso do processo ensino-aprendizagem.

O terceiro, princípios sociológicos, ressaltam a importância das construções coletivas como base para a convivência social, promove o exercício da criticidade, visando formar indivíduos conscientes, criteriosos e questionadores.

Os princípios pedagógicos apontam para um trabalho interdisciplinar, flexível e contextualizado em consonância com a abordagem socioconstrutivista, defendem ainda a contextualização dos conteúdos a partir do contexto sociocultural que os alunos estão inseridos, considerando os diferentes níveis de desenvolvimento sócio afetivos, psicomotor e cognitivo. Além disso, incluem questões sociais como classe, gênero e raça, bem como temas relacionados ao desenvolvimento científico, tecnológico, ecológico, moral e ético, abordados de forma transversal. Também valorizando a dimensão corporal, artística e lúdica como parte essencial do processo educativo.

Os princípios metodológicos destacados no documento apontam que o processo educativo deve ser construtivo e estruturante, integrando diferentes saberes e experiências por meio de práticas didáticas participativas, criativas e estimulantes, respeitando os diversos ritmos e formas de aprender dos alunos. A avaliação formativa é valorizada como instrumento que considera as diferentes culturas, interesses, capacidades e conhecimentos prévios dos estudantes, servindo como base para adaptar o planejamento e as práticas pedagógicas, visando, dessa forma, promover a autonomia e o desenvolvimento gradativo de aluno e professores nos processos de ensino e aprendizagem.

Os princípios apresentados pela instituição revelam forte coerência com os fundamentos da perspectiva construtivista. Essa coerência é visível em todos os eixos que sustentam a prática educativa da escola, pois a mesma é centrada no aluno como sujeito ativo na construção do seu conhecimento. Em cada princípio, é notório a sua relação com o construtivismo, destacando, a valorização do ser humano em sua singularidade, a articulação entre afetividade, cognição e interação social como pilares do desenvolvimento humano, a valorização das construções coletivas e reflexões críticas, às propostas interdisciplinares e contextualizadas valorizando o conhecimento

cultural e a atenção aos diferentes níveis de desenvolvimento apresentando uma metodologia inovadora e sensível às necessidades dos alunos.

Contudo, o verdadeiro desafio está em garantir que esses princípios não permaneçam apenas no plano teórico, mas se realizem de forma consistente na prática cotidiana na escola.

### 3.2 A PRÁTICA PEDAGÓGICA SOB O OLHAR CONSTRUTIVISTA.

#### 3.2.1. APRENDER FAZENDO: A ROTINA EM SALA DE AULA

Esse tópico tem como objetivo analisar a rotina da sala de aula de uma professora do primeiro ano do ensino fundamental a fim de compreender a prática pedagógica adotada em sua rotina como organização da classe, organização do seu tempo e a distribuição dos alunos em sala de aula.

Utilizando-se das observações e entrevista foi possível perceber que a professora buscava criar um ambiente que impulsiona o processo de ensino, separando seu grupo-classe em mesas de quatro cadeiras com duas crianças mais independentes no processo de alfabetização e duas que estavam ainda trilhando esse caminho. Nesse sentido, a professora afirma: *“Então, nós pensamos em grupos, geralmente, duas crianças mais medianas que estão ali no meio do caminho desse processo e duas que já estão um pouco mais avançadas, onde elas vão poder ajudar outras crianças.”* Observamos nessa fala que a professora destaca o conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZDP) proposta por Vygotsky, (2007, p. 112)

A Zona de Desenvolvimento Proximal é a distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou em colaboração com outros colegas mais capazes.

Esse olhar atento que a docente apresenta nas escolhas dos grupos, é de suma importância para o desenvolvimento da criança, pois, ao organizar os agrupamentos de maneira intencional, a professora possibilita que as crianças interajam com colegas que podem colaborar com suas aprendizagens, promovendo situações em que o conhecimento é construído coletivamente.

Ainda sobre a rotina, é importante destacar o planejamento, ferramenta importante para potencializar o processo de ensino-aprendizagem, assim como destaca Libâneo, (1990, p. 222) “O planejamento escolar é uma atividade que orienta

a tomada de decisão da escola e dos professores em relação às situações docentes de ensino e aprendizagem”. Dessa forma, compreende-se a importância do planejamento para a sistematização das ações que serão realizadas para o funcionamento da sala de aula, e durante as observações foi possível perceber a continuidade e a organização das aulas da docente, destacando-se as retomadas da história contada no primeiro dia da semana e as atividades alinhadas com a temática abordada. A docente destaca ainda:

A gente pensa num planejamento, de acordo com as metas do ano [...] Então, a partir das metas, a gente organiza, faz todo um planejamento semanal pensando na meta e considerando também as demandas de aprendizagem das crianças. De forma coletiva, a gente pensa numa sequência didática, que vai se estender ao longo da semana, a depender da proposta a duas semanas, quinzenalmente. [...] e vai pensando propostas diferentes para cada criança, propostas diversificadas, atividades para algumas crianças que tenham uma dificuldade maior, outras crianças que estão mais à frente nessa leitura e escrita. (A professora)

Dessa forma, é possível observar a prática construtivista, onde a docente evidencia que as propostas não são lineares, e que se organizam de acordo com as necessidades da turma, estando centradas no aprendizado das mesmas.

É notório também o investimento na sequência didática, fundamental para a compreensão profunda do conteúdo de forma gradual e articulada, resultando em uma aprendizagem mais significativa, resgatando ainda os escritos de Vygotsky (2007) aproximando o aluno do que já sabe com a nova proposta. E ainda ressalta o respeito à heterogeneidade da turma, reconhecendo os diferentes ritmos e hipóteses presentes na turma, assim corroborando com o pensamento de Ferreiro e Teberosky (1999) quando falam das diferentes hipóteses presentes na turma, sendo assim, uma turma heterogênea. Destacando ainda, a relação do construtivismo com a prática da docente, onde a mesma evidencia as diversidades da turma, e a mesma acolhe e respeita essas diferenças em seu planejamento e prática.

Bem como o cuidado com a singularidade dos seus alunos, foi notório o acolhimento e afetividade da docente com as crianças, buscando fazer uma ponte entre o conteúdo e a ludicidade, trazendo de forma concreta e simbólica as atividades. Durante a leitura norteadora da semana, a professora buscou apresentar o livro de forma mais leve e motivadora, levando as crianças para um ambiente externo e utilizando adereços para aproximar a criança dessa história, bem como destaca a perspectiva construtivista, na qual o conhecimento é construído ativamente e valoriza

as interações com diferentes ambientes, e, ainda, envolve afetivamente os alunos, a docente destaca que esses momentos são recorrentes em sua prática, pois,

No primeiro ano, eles ainda são muito pequenininhos, eles chegam muito novinhos. Então, a gente precisa acolher e entender a criança ainda como um sujeito que está se desenvolvendo, que está despertando agora para outras aprendizagens, para essa formação do estudante, mais concretamente a partir da leitura e da escrita.(A professora)

Dessa forma também, a professora consegue fortalecer o vínculo com as crianças, visto que essa prática significativa aproxima a criança tanto do conteúdo quanto da professora, fortalecendo essa relação professor/aluno, a docente ainda destaca que “Então, a relação entre o professor e o aluno nessa etapa da alfabetização é mais lúdica, afetiva, então, a gente vai ganhando as crianças por essa afetividade, por esse acolhimento, entendendo, principalmente, a demanda de cada criança”. A partir das demandas apresentadas pela turma e de toda organização apresentada na rotina, que é de suma importância para esse processo de aprendizagem, como apresentado aqui e corroborando com o pensamento de Mortatti (2006, p. 89)

A rotina na sala de aula de alfabetização organiza o tempo pedagógico, contribui para a previsibilidade das ações e favorece o envolvimento dos alunos nas práticas de leitura e escrita, tornando o processo de letramento mais significativo e contínuo.

A rotina em um ambiente construtivista é uma ferramenta que, além da organização do cotidiano escolar, possibilita o acolhimento, a escuta e instiga o aluno. Para o professor, alinhada ao planejamento, a rotina possibilita a reflexão sobre sua prática e favorece a criação de novas estratégias de trabalho com a turma.

A seguir, serão destacados os recursos pedagógicos utilizados pela docente em sua prática alfabetizadora.

### 3.2.2. RECURSOS DE APOIO NO ENSINO DA LEITURA E ESCRITA.

A escolha e o uso de recursos didáticos na prática pedagógica são aspectos fundamentais no processo de ensino da leitura e da escrita. Quando utilizados com intencionalidade e alinhados aos objetivos de aprendizagem, esses recursos tornam-se importantes instrumentos de mediação entre o aluno e o conhecimento.

Isso evidencia que o papel dos materiais pedagógicos como jogos, livros de literatura, alfabetos móveis e tecnologias digitais vai além do suporte físico, promovendo experiências de linguagem que envolvem, motivam e engajam os alunos

no processo de alfabetização. Portanto, o uso criterioso e criativo desses recursos potencializa a aprendizagem, respeitando os diferentes ritmos e estilos de cada criança.

Considerando esse pressuposto, durante as observações foi possível identificar alguns recursos utilizados pela docente em sua prática de ensino da leitura e da escrita. A docente afirma que utiliza em seu cotidiano os seguintes recursos: Fichas de atividades; Livros literários; Caderno; Alfabeto móvel; Jogos; Lances de palavras; Fichas de leituras e um recurso virtual adquirido pela instituição de ensino chamado Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA.

Dando início às observações, foi possível verificar durante a prática da docente o uso do livro paradidático, utilizados como ponto de partida para organização das atividades a serem realizadas durante a semana, tendo em vista que nessa fase de apropriação do sistema de escrita é muito importante o contato contínuo com a leitura, destacando-se como vantagem a ampliação do repertório linguístico e a aproximação e interesse do aluno com o a proposta. Como aponta Soares (2004), quando afirma que o contato com a leitura é de suma importância para aprendizagem da criança, pois para ela o processo de alfabetização e letramento são indissociáveis.

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, lingüísticas e psicolingüísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita se dá simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização –, e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a linguagem escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só pode desenvolver-se no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (Soares, 2004)

Pois, é por meio desse contato contínuo que as crianças desenvolvem habilidades de compreensão, autonomia, ampliam seu vocabulário e compreendem a funcionalidade da língua escrita, não apenas com finalidade escolar, mas como prática da vida social.

Foi possível, ainda, observar que após a contação a professora realiza alguns questionamentos como por exemplo: “para onde as crianças estão indo”; “quem vai dar a festa”; “onde vai ser a festa” e assim as crianças começam a interagir respondendo e perguntando sobre a história. Dessa forma, a professora passa a

atribuir sentido ao que foi lido por meio de um processo ativo onde o aluno constrói, interpreta e transforma conhecimentos.

Observa-se que a professora dialoga de forma significativa com os pressupostos construtivistas, a docente não apenas reconhece o papel ativo da criança no desenvolvimento da aprendizagem, mas também, assume uma postura mediadora, estando ali como conexão para autonomia e desenvolvimento do pensamento das crianças.

Ainda na análise da prática, verificou-se a utilização fichas de atividades relacionadas à história contada, atividades essas que contribuem positivamente com a aprendizagem das crianças, sendo fichas de compreensão, com elementos da narrativa e leitura e análise de imagem; atividades de consciência fonológica e separação lexical, trazendo questões de separação de palavras aglutinadas, contagem de letras e sílabas, correspondência gráfica entre letra de imprensa maiúscula e minúscula, leitura de palavras e frases, segmentação e recomposição de palavras e correspondência entre figura e palavra; houve também, atividades de produção textual, trazendo dois gêneros bem marcantes, o convite e bilhete.

A partir das atividades descritas é possível traçar um perfil positivo sobre a professora, é possível destacar a organização da mesma, trazendo atividades que respeitam as etapas do desenvolvimento da escrita promovendo uma aprendizagem progressiva e estruturada. A professora valoriza a participação ativa dos seus alunos, e aproxima os mesmos de forma afetiva e envolvente trazendo falas que demonstram a sua proximidade e conhecimento sobre a turma. É possível observar também o planejamento e organização dela, trazendo diferentes recursos para as atividades, e trazendo atividades diferenciadas com níveis para as crianças que estão em etapas diferentes de aprendizado. De modo geral, é uma professora que promove uma alfabetização sólida, significativa e prazerosa, sem deixar de lado o desenvolvimento do uso social desses aprendizados, o que é fundamental para as crianças vivenciarem essas atividades de forma contextualizada, quando planejadas com intencionalidade as atividades contribuem significativamente com a consolidação do conhecimento e autonomia do aluno.

Ainda durante o período de observação, foi possível identificar que a docente organizou atividades diferenciadas, estruturadas em três níveis distintos, de acordo com as hipóteses de escrita apresentadas pelas crianças. Essa prática revela uma

atenção às fases do desenvolvimento da linguagem escrita, respeitando os diferentes momentos de aprendizagem da turma. Como ressalta a professora,

Então, a gente vai colocar diferentes propostas, vai depender das hipóteses de cada criança, da aprendizagem de cada criança [...] a gente sempre prepara as sequências didáticas com três níveis de atividade. Então, um nível mais elementar, mais fácil para as crianças que têm dificuldades, um nível intermediário e outro que é o nível 3 que a gente utiliza, que geralmente tem uma produção de frase, uma letra de imprensa minúsculas, um desafio. (A professora)

Tal organização contribui para que cada estudante seja desafiado de forma coerente com sua zona de desenvolvimento proximal, favorecendo progressos reais no processo de alfabetização.

Para além das fichas, a professora destaca seu gosto por atividades realizadas no caderno, e afirma utilizar o recurso para atividades diversas, como lista de palavras, frases, bilhetes ou pequenos textos. Nesse sentido, ela enfatiza que “as crianças produzem de forma espontânea [...] com o caderno consigo um acompanhamento mais sistemático da evolução dessa criança em relação à escrita e à leitura”. Essa prática revela uma intencionalidade pedagógica tanto voltada para o estímulo da escrita quanto para o acompanhamento do progresso individual dos alunos. O caderno, nesse contexto, assume dupla função: espaço de aprendizagem e também instrumento de registro e avaliação contínua.

Além das atividades no caderno e das fichas pedagógicas, a professora também recorre a uma variedade de recursos didáticos que enriquecem sua prática alfabetizadora. Dentre esses, os lincos de palavras e materiais concretos, como o alfabeto móvel. Esses instrumentos possibilitam uma aprendizagem mais lúdica, interativa e significativa, especialmente no processo de construção do sistema de escrita. Os jogos promovem o engajamento das crianças ao mesmo tempo em que desenvolvem habilidades e diferentes conhecimentos a respeito do sistema de escrita alfabética. O uso do alfabeto móvel permite que os alunos manipulem fisicamente as letras, experimentem combinações e formulem hipóteses sobre a escrita, favorecendo o avanço nas diferentes fases da alfabetização. Para Kishimoto (1995, p. 61), os jogos são ferramentas essenciais no processo educativo, pois “é alterando o significado de objetos, de situações, é criando novos significados que se desenvolve a função simbólica, o elemento que garante a racionalidade ao ser humano”. Assim, o uso desses recursos impulsiona esse processo de apropriação do sistema de escrita e dos usos sociais da leitura.

### 3.2.3. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA.

As atividades pedagógicas desenvolvidas no contexto da alfabetização desempenham um papel fundamental no processo de aquisição da leitura e da escrita. Elas não apenas oportunizam a prática sistemática da linguagem escrita, mas também favorecem a construção de conhecimentos sobre o funcionamento do sistema alfabético, respeitando os diferentes ritmos e hipóteses de aprendizagem das crianças. Partindo desse pressuposto, através das observações, foi possível verificar algumas atividades que favorecem a construção de saberes. A docente afirma que no planejamento do primeiro ano as atividades são direcionadas ao sistema de escrita alfabética. Para isso, realizam uma diagnose no início do ano, e a partir dela, são elaboradas as atividades necessárias ao desenvolvimento das crianças.

Às vezes, tem crianças que já chegam alfabéticas, então a gente, a partir de um diagnóstico, a gente percebe que essa criança vai precisar de desafios maiores, então a gente faz esse acompanhamento diferenciado, como também, a partir de um diagnóstico inicial, a gente percebe se é uma criança que vai precisar de um investimento maior porque chegou pré-silábico, então a gente desenvolve essa relação de maior investimento nessa criança em atividades mais iniciais. (A professora)

Em sala, foi possível observar que as atividades em fichas realizadas pelas crianças possuem o mesmo tema, mas com algumas especificidades de modo a atender as necessidades dos alunos, tais como: letra de imprensa maiúscula para aquelas que ainda estavam se familiarizando com a letra de imprensa minúscula, figuras para ajudar na escrita da palavra, para desafiar existiam reescrita de frases misturada com figuras e escrita de frases de forma autônoma.

Analisando as atividades como um todo, foi possível identificar atividades de reflexão fonológica e atividades de reflexão grafofônica dentre as atividades utilizadas pela docente. As atividades de reflexão fonológica são aquelas que fazem as crianças pensarem sobre os sons da linguagem oral, ou seja, pensar sobre como as palavras são formadas por sons (fonemas)<sup>1</sup> e as atividades de reflexão grafofônica são aquelas que fazem as crianças relacionarem os sons (fonemas) com a representação gráfica (grafema) para obterem a percepção que a escrita representa a linguagem oral de forma escrita. Dessa forma, como afirma Moraes, (2012, p. 52) sobre o sistema de escrita alfabética, "A apropriação do Sea não ocorre da noite para o dia, mas, sim, pressupõe um percurso evolutivo, de reconstrução, no qual a atividade do Aprendiz é

---

<sup>1</sup> Grafemas são os sons da fala e fonemas são as letras que representam na escrita.

o que gera, gradualmente, novos conhecimentos rumo à hipótese alfabética”. Considerando essa perspectiva, a seguir serão apresentadas algumas das atividades propostas pela professora, evidenciando como elas contribuem para o desenvolvimento das habilidades necessárias à apropriação do sistema de escrita.

Dentre as aulas da docente, foi possível observar que em sua prática a reflexão sobre a língua está sempre presente, como no momento de realizar a agenda. No dia que foi para casa ficha de português, a professora no momento de realizar essa escrita no quadro reflete sobre a palavra português com a turma: “que outra palavra tem esse som POR de PORTuguês?” e as crianças respondem PORTA, PORCO, algumas até respondem palavras que possuem o P no início como: “PATO, PEDRO, PEDRA...” durante a entrevista ela destaca que é também nesses momentos coletivos que ela vai observando o crescimento deles.

Eles começam a fazer a agenda do dia, onde vai a atividade. E aí a gente usa esse momento, a rotina do dia também, que a gente expõe no quadro com a ajuda deles. Eles já começam uma reflexão sobre a língua, sobre o sistema de escrita nesses momentos mais coletivos de produção da rotina e da agenda. Que é um momento também que eu consigo ver claramente o quanto eles já estão avançando. Então, por exemplo, escrever ficha de Matemática [...] Então, quando eu vou fazer o MA, de matemática, eu questiono que outra palavra começa com MA, de matemática. Aí eles vão falando macaco, mala, malu, maria... que são nomes de crianças da sala, então eu vejo que eles estão refletindo, já avançando nessa questão. [...] ou então quando eu escrevo a rotina do dia, e tem lá a palavra rotina, e aí eles precisam escrever uma palavra e eles buscam lá na rotina um padrão silábico que eles vão precisar para escrever, como uma palavra estável para eles. Ou quando eles procuram a lista de nomes das crianças da sala que a gente tem na ordem alfabética. Também há sílabas que eles precisam para aquela palavra. quando eu começo a ver que eles estão fazendo essa reflexão... eu começo a ver que eles estão avançando... (A professora)

O relato da professora evidencia de forma clara como as práticas cotidianas, como a construção coletiva da rotina e da agenda do dia, são momentos potentes para o desenvolvimento da reflexão a respeito da escrita. Ao propor que as crianças pensem palavras que possuem sílabas iniciais iguais, a docente estimula a percepção dos sons da fala, aspecto essencial da reflexão fonológica. Nesse processo, os alunos são levados a perceber, segmentar e comparar os sons presentes nas palavras, desenvolvendo habilidades fundamentais para a consciência fonológica. Ao mesmo tempo, quando buscam na rotina ou na lista de nomes palavras que sirvam como apoio para escrever outras, as crianças estão estabelecendo relações diretas entre os sons (fonemas) e sua representação gráfica (grafemas), o que caracteriza a reflexão

grafofônica. Essa prática permite que avancem na compreensão do funcionamento do sistema alfabético, construindo, de maneira significativa e contextualizada, os conhecimentos necessários para a apropriação da leitura e da escrita.

Nas atividades voltadas para a história norteadora na semana observada “Bruxa, bruxa, venha à minha festa”, de Arden Druce; foi possível identificar intencionalidade nas atividades propostas pela docente, perpassando pela compreensão. Após a leitura do texto, a professora ofereceu uma ficha com diversos nomes de personagens presentes na história contada e com personagens de histórias anteriores, para os alunos identificarem apenas os personagens da história contada. Essa atividade permite tanto o levantamento da compreensão das crianças quanto o espaço para escrita espontânea na qual as crianças vão utilizar sua hipótese de escrita.

Outras atividades referentes ao livro foram utilizadas, como ditado mudo com personagens do livro; juntar os segmentos de sílabas com auxílio de imagens; ligar letra maiúscula para minúscula de imprensa; trocar figuras por palavras dentro de frases; separação de frases e palavras aglutinadas; contagem de letras e sílabas e a transformação do gênero textual bilhete em convite. São atividades que com intencionalidade e mediação possuem papel importante nesse processo de alfabetização e letramento.

O ditado mudo de personagens, por exemplo, é uma estratégia que permite à criança estabelecer relações entre imagem e escrita, desenvolvendo a consciência grafofônica e a percepção das regularidades do sistema de escrita. Ao buscar nomear os personagens por meio da escrita, os alunos mobilizam seus conhecimentos sobre as letras, os sons e a segmentação das palavras. A atividade de juntar os segmentos de sílabas das palavras contribui diretamente para que o aluno perceba a organização silábica da língua, habilidade fundamental para o avanço nas hipóteses de escrita. Ao manipular sílabas, os estudantes refletem sobre como as palavras se estruturam e ampliam sua compreensão dos princípios alfabéticos. A proposta de contagem de letras e sílabas trabalha aspectos fonológicos, ajudando os alunos a pensarem sobre o funcionamento do sistema de escrita, essa atividade evidencia algumas propriedades do SEA descritas por Moraes (2012, p. 51) como,

6. As letras notam ou substituem a pauta sonora das palavras que pronunciamos e nunca levam em conta as características físicas ou funcionais dos referentes que substituem;
7. As letras notam segmentos sonoros menores que as sílabas orais que pronunciamos;

8. As letras têm valores sonoros fixos, apesar de muitas terem mais de um valor sonoro e certos sons poderem ser notados com mais de uma letra.

Dessa forma, caminhando passo a passo para se tornar uma criança alfabetizada de forma integral e social.

Todos esses aspectos estão inteiramente ligados ao processo de alfabetização, que como proposto é um processo construtivo no qual as crianças elaboram hipóteses sobre como a língua escrita funciona, reorganizando constantemente seus saberes a partir das interações e das situações que lhes são propostas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui apresentado objetivou analisar como uma professora organiza a prática pedagógica de alfabetização e letramento a partir de uma perspectiva construtivista de aprendizagem.

Foi possível constatar que a perspectiva adotada pela docente no que diz respeito à organização do processo de ensino da alfabetização aproxima o aluno das práticas sociais da leitura e escrita. Salienta-se que a mediação da professora pautada na perspectiva construtivista traz o aluno para a realidade social e o reconhece como sujeito ativo na construção do conhecimento.

É possível afirmar que a organização da prática pedagógica da docente aqui analisada se dá por meio de planejamento, com uma rotina estruturada, e sua prática alinhada à perspectiva construtivista cria um ambiente de valorização do aluno. O olhar atento da professora às necessidades da turma favorece a escolha de atividades e recursos adequados para o desenvolvimento da leitura e escrita a partir das especificidades dos alunos. Dessa forma, contribui intensamente para construção do conhecimento por parte do aluno de forma significativa e integral.

Finalizando, trazendo a importância desse trabalho para mim como futura professora, essa pesquisa saiu dos meus medos e transcende para o amor pela alfabetização, desejo continuar pesquisando sobre esse processo e enriquecer minha prática, da mesma forma que desejo que esse trabalho desperte em você leitor(a)/futuro pedagogo(a) o interesse pelo processo de alfabetização e letramento de forma significativa.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. A alegria de ensinar. 3 ed. São Paulo: ARS Poética Editora, 1994.

BECKER, F. O que é construtivismo. Idéias, São Paulo: FDE, n.20, p.88, 1993.

BRASIL. Ministério da Educação. Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Meta 5: alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º (terceiro) ano do ensino fundamental.

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. 4º Edição. São Paulo: Cortez, 2000.

COUTINHO, Marília de Lucena. Psicogênese da língua escrita: O que é? Como intervir em cada uma das hipóteses? Uma conversa entre professores in.: MORAES, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. Org. **(Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética.)** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FERREIRO, Emilia. TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco, Mário Corso. Porto Alegre, Artmed, 1999.

GADOTTI, M. Histórias das idéias pedagógicas. São Paulo: Ática, 1995

GRATIOT-ALFANDÉRY, Hélène. Henri Wallon. Tradução e organização de Patricia Junqueira. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010

LEAL, Andréa Galvão e Telma Ferraz. Há lugar ainda para métodos de alfabetização? Conversa com professores(as) in.: MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. Org. **(Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética.)** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LEÃO, Denise Maria Maciel. Paradigmas contemporâneos de educação: escola tradicional e escola construtivista. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 107, p. 187-206, jul. 1999.

LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 12. Ed. - São Paulo: Cortez, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez Editora, 1990.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O jogo e a educação infantil. Pro-Posições, Campinas. V. 6, N. 2, P. 46-63, jun. 1995.

MACEDO, L. Ensaios construtivistas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

MIZUKAMI, M. G. N. Ensino. as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986

MORAES, R. A Análise de Conteúdo: possibilidades e limites. In: ENGERS, M. E. A. (Org.). Paradigmas e Metodologias de Pesquisa em Ação: notas para reflexão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994. p.103-111.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. História dos métodos de alfabetização no Brasil. Revista Brasileira de Educação, n. 18, jan./abr. 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

PIAGET, Jean. *Seis estudos de Psicologia*. Tradução de Maria Alice Magalhães G. Aranha. 21. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

PIMENTEL, M. A. M. O Modelo construtivista e o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. In: FUNDAÇÃO AMAE PARA EDUCAÇÃO E CULTURA. Reflexões construtivistas. Belo Horizonte, 1991. p 30.

REGO, Tereza Cristina, Vygotsky Uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação. Vozes, Petrópolis, 2003.

SOARES, Magda. A reinvenção da ALFABETIZAÇÃO. PRESENÇA PEDAGÓGICA, Parte de palestra proferida na FAE UFMG, volume 9, número 52, p. 16-21, jul./ago, 2003. Disponível em:  
[http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/programa\\_aceleracao\\_estudos/reivencao\\_alfabetizacao.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/programa_aceleracao_estudos/reivencao_alfabetizacao.pdf)

SOARES, Magda. LETRAMENTO um tema em três gêneros. 3ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, jan./abr. 2004.

VYGOTSKI, L. S. A formação social da mente. Organização: Michael Cole et al. Tradução: José Cipolla Neto et al. 4. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1991.

## APÊNDICE

### APÊNDICE A - ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

#### 1. Rotina da Professora

- Como a professora inicia a aula?
- Quais atividades são desenvolvidas ao longo da aula?
- Como a professora utiliza o tempo disponível?
- Como a professora finaliza a aula?

#### 2. Metodologia de Ensino

- Quais métodos de ensino a professora utiliza (ex: tradicional, construtivista, etc.)?
- Como a professora explora os conteúdos em sala de aula?
- Quais recursos pedagógicos são utilizados (ex: livros, jogos, vídeos, etc.)?
- Como a professora estimula a participação dos alunos?
- Há alguma adaptação na metodologia para atender às necessidades específicas da turma?

#### 3. Meios e Instrumentos de Trabalho

- Quais materiais a professora utiliza em sala de aula (ex: quadro, giz, canetas, etc.)?
- Como a professora utiliza os recursos tecnológicos disponíveis (ex: computador, projetor, internet, etc.)?
- Há alguma ferramenta ou plataforma online utilizada pela professora?
- Quais instrumentos de avaliação são utilizados (ex: provas, trabalhos, atividades, etc.)?

#### 4. Interação em Sala de Aula

- Como a professora se relaciona com os alunos?
- Como os alunos se relacionam entre si?

#### 5. Outros Aspectos Relevantes

- Há alguma prática inovadora e/ou diferenciada desenvolvida pela professora?

## APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA

- Como você define o papel do professor no processo de alfabetização e letramento?
- Como você organiza sua rotina diária ou semanal para o processo de alfabetização e letramento? Você segue algum planejamento específico para essas atividades?
- Como você planeja as atividades e qual critério para escolher os recursos e atividades que irá utilizar?
- Quais atividades específicas você utiliza para o desenvolvimento da leitura e escrita no 1º ano? Como essas atividades são pensadas para promover o letramento, e não apenas a alfabetização?
- Como a interação entre os alunos e o professor contribui para o aprendizado?
- Quais recursos você costuma utilizar para trabalhar a alfabetização e o letramento?
- Como você organiza os alunos na sala de aula?
- De que forma você gerencia a sala para garantir que cada aluno possa avançar no seu próprio ritmo e de acordo com suas necessidades individuais?
- Você poderia compartilhar algum exemplo de atividade ou situação em que o processo de alfabetização realmente funcionou bem para seus alunos, e você percebeu um avanço significativo?
- O que você utiliza para acompanhar e avaliar o aluno nesse processo?

## ANEXOS

### ANEXO A - Termo de Consentimento Livre Esclarecido

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**  
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Cumprimento Sr./Sr. <sup>a</sup> ao tempo em que solicito a sua participação na pesquisa intitulada

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

integrante do **Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação**, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. A referida pesquisa tem como objetivo principal

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

e será realizada por \_\_\_\_\_, estudante do referido curso.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de \_\_\_\_\_, com utilização de recurso de \_\_\_\_\_, a ser transcrita na íntegra quando da análise dos dados coletados. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, contudo, será mantido o anonimato dos respondentes participantes da pesquisa. Dessa forma, a participação na pesquisa não incide em riscos de qualquer espécie para os respondentes. A sua aceitação na participação dessa pesquisa contribuirá para o/a licenciando escrever sobre o tema que estuda, a partir da produção do conhecimento científico.

#### **Consentimento pós-informação**

Eu, \_\_\_\_\_, estou  
ciente das condições da pesquisa, acima referida, da qual livremente participarei,  
sabendo ainda que não serei remunerado/a por minhas contribuições e que posso  
afastar-me quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas  
assinadas por mim e pelo/a pesquisador/a, ficando uma via para cada um/a.

Recife, PE, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.

---

Assinatura do/a participante

---

Assinatura do/a pesquisador/a